

ANNALISA VOLGARINI

*Felicità*

NOMEADA PELO CRIME

2015



## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos aqueles que me incentivaram para o término desta obra, pois todos sabem a dificuldade que sinto em terminar os projetos que inicio. A vocês, meus parentes e amigos, obrigada pelas dicas, pelo apoio e, principalmente, por aturarem as minhas ideias malucas (Manuely, Edvaldo, Fernando e Jessika, vocês são minhas maiores vítimas nisso, então continuem com o bom trabalho).

Agradecimentos especiais para minhas primeiras leitoras: Nadja, Janielle e Rafaeli. Sem vocês eu não teria chegado até aqui e o livro não passaria do terceiro capítulo. São responsáveis pelo que escrevi tanto quanto eu.

*"Curioso não saber explicar como alguém tem o dom avassalador de ser o nosso ponto fraco. É como se eu estivesse em dieta e ele fosse a minha sobremesa predileta, armadilha, veneno e antídoto simultaneamente... inexplicável e irresistivelmente. É como se eu admitisse que existiam mais gentis, mais bonitos, mais inteligentes e até mais sinceros, mas ninguém conseguia a façanha de ser minha paz e minha loucura ao mesmo tempo, ninguém conseguia ser a razão e as contestações sobre todas as leis inventadas pro amor... a não ser ele, ele que me desarma, ele que estraga o meu show, ele que é único."*

Yohana SanFer

# PRÓLOGO

— Outro *Dry Martini*.

A voz dele é grave, mas tem um toque suave como de um cantor romântico. Senta com elegância, tem ombros largos e as costas retas. Atento para um charme executivo, daquele de homens poderosos que têm o mundo na palma da mão. O rosto é como o de um galã de cinema, um deus moderno esculpido por um mestre grego nos tempos clássicos, o sonho de qualquer garota. Olhos inteligentes e cor de mel, nariz reto e perfeito como os lábios, uma sedutora barba por fazer e cabelo de corte um tanto rebelde, combinando com a cor dos olhos. Repara que estou encarando, mas parece não se importar.

— Noite difícil? — indaga despretensiosamente.

— É. Nem queira saber.

— Ah eu sei, senhorita Wells. Traição realmente é algo... desagradável. — leva um tempo intencional para proferir a última palavra.

Assusto-me. Um estranho sabe o meu nome e o lamentável incidente que acabo de presenciar. Um turbilhão de pensamentos incoerentes passa em minha mente, tento formular uma explicação lógica para o que está acontecendo. Supermodelos não são raptos ou traficantes de órgãos. Há quanto tempo ele está me seguindo? Não sou assim tão bonita para que ele esteja apaixonado a ponto de me perseguir, nem

tenho dívidas. Só as do cartão de crédito, mas quem não tem? Já estou pagando.

— Assisti sua *performance* de hoje cedo, foi bem convincente como Natale.

A conclusão vem como um raio me partindo ao meio: ele é da máfia. Devo tê-los ofendido em alguma coisa durante a minha cena e agora querem vingança. A taça treme um pouco em minha mão, coloco-a sobre o balcão. Analiso o restante do local, as mesas estão vazias, não há mais ninguém além do barman impassível.

— Deve estar se perguntando o quanto sei sobre você. Audrey Wells, 21 anos, natural de Cincinnati, Ohio. Filha de John e Elizabeth Wells, já falecidos. Sei até que quando tinha sete anos escreveu uma redação afirmando que quando crescesse queria ser mestre em karatê para bater no vizinho Kevin. Mesmo Kevin que foi seu par no baile de formatura. Dos quinze aos dezoito anos foi criada pelos tios até que veio para Cleveland, onde se sustenta trabalhando com tecnologia da informação enquanto tenta ingressar na carreira de atriz. Mesmo com muito talento, ainda não conseguiu grandes papéis pela falta dos contatos certos. É por isto que estou aqui: pelo seu talento.

Ocorre-me a ideia de correr, porém algo me diz que não tenho muitas chances. No cinema, quem corre sempre se dá mal. Recomponho-me e recorro a uma coragem que não tenho.

— Quem é você?

— Pode-se dizer que sou um ator. Um ator social. — por um momento ele tão somente desliza o dedo sobre a borda da minha taça — Suponho que já ouviu falar da obra de Goffman?

Permaneço muda. Provavelmente estou bêbada no quarto drink.

— Ele compara a vida cotidiana ao mundo do teatro, onde nós representamos e somos público. Todos nós usamos máscaras e representamos papéis. Somos um e somos muitos. Nossas interações com os demais no palco da vida são de acordo com as máscaras que usamos. A máscara de pai, filho, estudante, amigo, marido, amante ou mentor. Uma infinidade delas. — muda para um tom um pouco mais baixo como quem confidencia um segredo e apoia o braço relaxadamente sobre o vidro — Somos seres racionais e egoístas, é da natureza humana. Assim como no teatro, atuamos, agimos de modo dissimulado de acordo com cada cenário e esperamos uma determinada reação que nos convém. É de acordo com essa certeza que vou atrás do que quero, senhorita Wells. Quem sou eu? No momento sou um estrategista com uma ambição, conversando com um alguém que ele espera ter o que é necessário para satisfazê-la.

As palavras parecem não fazer sentido, um discurso evasivo que não diz nada do que quero saber. Nem é uma resposta. Abro a boca para fazer emergir meus protestos, ele volta a falar.

— Ouça. Neste exato momento você está morta. Cinco minutos atrás houve um inesperado vazamento de gás em seu apartamento e ele explodiu.

— O quê? — grito.

— Calma ninguém se feriu. Mas em algumas horas encontrarão os restos do seu corpo queimado no banheiro.

— Ai meu Deus!

— Rezarão a Deus pela sua pobre alma, para que descanse em paz.

Como ele pode dizer isso tão casualmente, da mesma maneira que diria as horas a alguém? Minha respiração fica irregular, o coração já disparado quer sair do peito. Nunca senti tanto pânico. Procuo pelo barman, que também não está mais aqui. O que acontece agora? Vai me jogar em um rio depois que conseguir o que quer. Adeus mundo.

Ele põe meu cabelo atrás da orelha e segura suavemente meu queixo com uma mão grande e quente, parece que me analisa. O toque na minha pele me faz estremecer.

— Você não será mais Audrey Wells. Quero que use a máscara de Felicità Del Vecchio.

— Quem?

— Felicità é a herdeira de uma das famílias mais poderosas de Nova Jersey. Quero que interprete um papel. Esqueça sua vidinha de drama adolescente de quinta. Você agora está ao meu serviço.

— É um absurdo, não faz sentido.

— Você terá dinheiro e quem sabe fama. Pode até conseguir os melhores papéis se quiser continuar no ramo. Não me importo. Para o seu mundo, você não existe mais. Não tem nada a perder, já perdeu tudo.

— Por que eu faria isso? Vá se...

— Eu não terminaria a frase. Não estou pedindo e nem faço ameaças. Se tiver bom senso, fará o que eu digo. Não apenas sua vida está em minhas mãos, como a de todos que você



conhece. Suas amigas, o patético do seu namorado e até mesmo seus primos e tios amorosos.

Realmente o irritei, fita-me de maneira fulminante, com um fogo intenso nos olhos. A qualquer minuto irá apertar minha garganta. Engulo em seco. Então abre um sorriso brilhante de anúncio de creme dental. Sinto-me irritada como jamais estive, uma sensação de impotência e uma espécie de falta de dignidade e humilhação me invadem sem permissão.

— Entre no carro.

Ele se volta para frente e dá um gole no *Martini*, entendo que a conversa acabou, assim como a minha vida do jeito que eu a conheço. Junto minhas forças para sair andando de forma decente, mas as pernas não obedecem e a cabeça começa a girar. Tudo é irreal. Viro-me para trás e o homem está me espiando por sobre o ombro.

— Um passo em falso e você morre. Entendeu?

Não há como não entender a mensagem, é uma corda em volta do meu pescoço. Há dois homens grandes parados na porta de um carro preto estacionado na entrada do bar. Um deles abre a porta e entro. O percurso que faz ou o tempo que leva, não sei. Meu corpo parece dormente, não sinto braços nem pernas, somente a cabeça ainda dando voltas. Por que isso está acontecendo...?

# CAPÍTULO 1

Entro lentamente na sala de estar, um passo de cada vez. Não quero estar ali, porém é uma situação que não pode ser evitada. Regras existem porque são necessárias. Mantenho a cabeça baixa, até que encaro os sapatos do homem sentado à minha frente. Olho direto nos seus olhos, não hesito. Por um instante, seu desespero é quase tangível, posso senti-lo, embora tenha uma expressão vazia no rosto. Retiro a arma do meu casaco. O peso dela desta vez é bem maior, é o peso do dever e das minhas convicções.

— Antonio.

— Sabia que você viria. Nunca me decepciona. — ele diz, voltando-se para um quadro pendurado na parede à direita. Uma praia de areia branca, céu limpo e aves voando em bando, emoldurado em dourado. Também queria estar ali agora, com nada além do vento no rosto e a espuma da quebra das ondas nos pés.

— Por que fez isso? Por que me roubou? Achei que fôssemos mais do que isso, Antonio. — tenho remorso na voz, tento usar um tom duro, mas a voz sai rouca como se não fosse minha. — Sempre te considerei um irmão.

— Não faça perguntas das quais já sabe a resposta.

Ponho a mão em seu ombro caído. Retiro-a no mesmo instante, não há lugar para sentimentos. Ele me traiu, não há volta. Crescemos juntos, nos conhecemos bem o suficiente e

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

